

MELO, João. *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008. 176 p.

Terceiro livro de contos do escritor angolano João Melo,¹ *Filhos da pátria*, editado em 2001 pela editora portuguesa Caminho, sai publicado, agora, pela brasileira Record. São dez contos reunidos sob temas relacionados à idéia de nação. Visto que a independência de Angola se deu apenas em 1975, questionar a identidade nacional é assunto forte e persistente na literatura do país.

Os contos de João Melo são potenciais criadores de ondas (como o narrador de “O elevador” denomina aqueles poucos cidadãos que lutam contra o *status quo* em uma sociedade globalizada). Suas narrativas denunciam as mazelas e a problemática da vida na comunidade angolana contemporânea. Elas apontam para as diferentes perspectivas dos estratos sociais e as manobras de seus ocupantes para sobreviverem em um espaço degradado em que as poucas oportunidades de ascensão social e econômica são preenchidas pelo, quase sempre, recurso do apadrinhamento. O painel social descrito nas narrativas curtas do autor é desolador, já que está todo minado pelas idiossincrasias da sociedade comercial do sistema capitalista.

Sob o mosaico de diversidades amplas (em todos os níveis sociais), percebe-se um narrador que insiste em denunciar as mazelas de uma sociedade voltada para a riqueza, o poder, a busca de um lugar idealizado no contexto histórico de um país recém-saído da guerra colonial e mergulhado na guerra-civil. Uma sociedade que insiste em esquecer suas tradições e utopias. Em cada um dos contos, a letra ferina do narrador aponta as contradições e os falsos deslumbramentos que corroem o tecido social de Angola, principalmente da capital Luanda. O emaranhado da complexidade cultural africana é expresso pela síntese do narrador: “Angola não é bem África. África, na verdade, não é uma massa informe e grotesca”, pois existem muitas Luandas, assim como muitas Angolas, da mesma forma que coexistem muitas Áfricas dentro do continente.

Dessa forma, estão presentes nas narrativas os menores jogados na rua, filhos da guerra e da irresponsabilidade política dos governos, como no conto “Tio, me dá só cem”, em que se tem o diálogo entre um menino de rua, assassino, e o narrador. Na conversa, o tom irônico se concretiza na fala do menino que passa fome e não recebe comida, mas mudas de árvores distribuídas pela Juventude Verde demonstrando a preocupação ecológica

se sobrepondo à sobrevivência do ser humano. Em “O feto”, narra-se a triste realidade da prostituição de meninas de treze anos como forma de sustentação de famílias inteiras despedaçadas pela guerra de libertação e pela guerrilha.

As consequências dos combates estão presentes na reestruturação política e social de Angola. Em “O elevador”, Pedro Sanga e Soares Manuel João, alcunhado de “Camarada excelência”, são dois ex-combatentes da época da guerrilha de libertação nacional que tentam se adaptar aos novos tempos. No passado eles sonhavam com uma Angola em que o homem seria “novo” com a missão de edificar o socialismo científico. Soares Manuel João galga a hierarquia política da nação, levando consigo Pedro Sanga. O primeiro, experiente e oportunista, torna-se empresário rico e influente, usando de informações do cargo político que ocupara anteriormente; enquanto o segundo, baseado nos princípios socialistas, repudia as transações comerciais e o ganho-fácil do capitalismo mafioso que substituíra o socialismo esquemático nos anos de 1990. A metáfora do elevador prenuncia a escalada social e econômica proporcionadas por um país saído de várias guerras, entregue ao descontrole político e ético.

Sob a mesma perspectiva política, o conto “Abel e Caim” é um pequeno relato histórico de Angola. Nele, dois amigos se veem separados pela ideologia partidária logo após a independência do país. Miguel Ximutu se filia à UNITA e Adalberto Chicolomuenho, ao MPLA. A partir desse momento, os caminhos dos amigos se bifurcam e os mesmos só voltarão a se encontrar anos depois. Metaforicamente, os dois representam a imagem dos filhos da nação angolana que guerreiam entre si. A guerra é vista quase como um ato cotidiano nas vidas das pessoas. O narrador, inclusive, chama a atenção para o fato de que, segundo alguns historiadores, Angola está em guerra desde o século 15.

Enfocando as questões de identidade como constituinte da imagem projetada socialmente, em “Natasha”, conta-se a história de amor entre a russa Natasha Pugatchova e o angolano Adão Kipungo José. Trata-se de um conto todo estruturado como se fosse uma entrevista precipitada pela curiosidade de um escritor ao perceber a presença insólita da mulher branca de cabelos loiros vista no cenário angolano. O tema da narrativa é a disseminação das imagens estereotipadas do amor e das nacionalidades.

Outro personagem se torna vítima da angolanidade, assim como Natasha. Em “O efeito estufa”, narra-se a história do estilista Charles Dupret que tem plena consciência de que Angola é um país de pretos e só sob essa perspectiva se pode construir o presente em busca do futuro da nação, renegando a cultura portuguesa. O modista passa a tomar atitudes cada vez mais radicais quanto à questão cultural. Um dos primeiros atos é a substituição, nas refeições, do bacalhau por calulu (prato à base de peixe seco e fresco) e sarrabulho (guisado de porco ou cabrito, cozido com o sangue do animal). Temos um personagem na literatura brasileira parecido com o angolano quanto à busca pela originalidade da identidade nacional: Policarpo Quaresma, de Lima Barreto.

Por causa da idéia clichê de que angolanos só podem ser negros, a família Silva é obrigada a fugir do país logo após a independência por serem identificados com os portugueses em decorrência da cor branca da pele, apesar de serem legítimos angolanos, como se narra em “Ngola Kiluanje”. A família parte para o desterro viajando para Lisboa, depois Recife e finalmente Rio de Janeiro, no Brasil. No entanto, António Manuel da Silva resolve voltar para a África e enfrentar o preconceito contra a imagem do branco.

Dois contos relatam dois casamentos e as consequências dessa união. Em “Shakespeare ataca de novo” temos a história de amor entre dois noivos de famílias com diferenças étnico-culturais. Luvualu Francisco Helena é da tribo bakongo e sua noiva Inês Faria, de Camoxito. A partir desse contexto, o narrador mostra as diferenças entre as diversas tribos e a quase impossibilidade de união sob um conceito de identidade nacional. A esperança da utopia está no final da história, em que os recém-casados são felizes para sempre.

Em “O cortejo”, a realidade de um país miserável é mostrada aos noivos novos-ricos pelos dois cavalos que puxam a carruagem dos recém-casados. Em vez de percorrerem os pontos turísticos da cidade, os nubentes são levados a conhecerem o outro lado de Luanda. Na opinião do narrador, a nova classe de ricos empresários e funcionários públicos é pior do que a dos dirigentes saídos da guerra em 1975, que haviam esquecido a causa da luta.

No conto “O homem que nasceu para sofrer”, José Carlos Lucas é um trabalhador público de uma empresa petrolífera que almeja ser chefe do armazém Geral, mas acaba sendo ludibriado pelo português ocupante do cargo. Ao mesmo tempo em que fica desempregado, descobre-se pai. Sem emprego, ele perde a esposa que vai para Lisboa. Depois de muito batalhar em uma mina de diamantes, parte em busca de sua mulher e seu filho. O petróleo e o diamante, riquezas do solo angolano, não são capazes de sustentar a vida da família de José Carlos Lucas.

Na obra de João Melo há a presença de uma sociedade angolana recém-saída da luta antiimperialista à procura de um caminho norteador. Uma comunidade em transição da era colonialista para a pós-colonialista. Como contraponto a esse panorama, a narrativa de Pepetela,² por exemplo, pode ser enfeixada sob os relatos da guerra de libertação e a perspectiva de futuro do país a partir da presentificação da guerrilha angolana contra a ditadura portuguesa. Em outro extremo, encontram-se as histórias de Ondjaki,³ em que os personagens se deslocam em uma sociedade afastada das questões políticas que redundaram na visão de uma geração distante do combate. As histórias de João Melo, portanto, ficam entre as duas perspectivas do painel histórico angolano que compreende a opressão colonialista e a luta pela independência (Pepetela), a sociedade recém-saída desse confronto (João Melo) e as perspectivas da geração mais contemporânea (Ondjaki). Tese necessariamente superficial e abrangente, mas que ajuda a entender o tecido histórico na escrita desses autores.

Os contos de *Filhos da pátria* buscam construir uma identidade não-unitária da nação angolana, destacando as diversas etnias e tribos, deslocamentos de angolanos limitados pelo espaço geográfico, mas abertos para a ampliação das raízes da angolanidade. João Melo contribui para a permanente busca da identidade não só de um país, mas de um “ser humano” consistente na sua multiplicidade, nas suas contradições, no seu sonho aberto e dinâmico rumo às realizações pessoais e sociais. Desnudar as feridas do tecido social angolano é buscar o remédio para a cicatrização de estados permanentes de rebaixamento do homem, esse “bicho altamente paradoxal”.

Escritor polivalente, o jornalista João Melo tem em seu acervo de letras oito livros de poesia: *Definição* (1985), *Fabulema* (1986), *Poemas angolanos* (1989), *Tanto amor* (1989), *Canção do nosso tempo* (1991), *O caçador de nuvens* (1993), *Limites e redundâncias* (1997) e *Auto-retrato* (2007); quatro livros de contos já referidos e um de ensaio intitulado *Jornalismo e política* (1991).

Roberto Carlos Ribeiro

Doutor em Letras pela PUCRS.

Notas

¹ *Imitação de Sartre e Simone de Beauvoir* (1998); *The serial killer e outros contos risíveis ou talvez não* (2000) foram os dois primeiros livros de contos, seguidos por *Filhos da pátria* e pelo mais recente *O dia em que o pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida* (2006).

² Cf. *Mayombe* (1980); *Yaka* (1984); *Geração da utopia* (1994).

³ Cf. *Bom dia camaradas* (2001); *Quantas madrugadas tem a noite* (2004); *Avodezanove e o segredo do soviético* (2008).